



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

DOCTRINA

Quando uma carreira que, por sua natureza, bom fôsse ser seguida apenas por vocação, o é também, muitas vezes, como modo de vida, redobra para a Escola que a prepara a necessidade de infundir espírito, que possa compensar ausências e temperar desvios em quem a frequente, de si mesmo, não muito impulsionado pelo Espírito.

E penso, até, que melhor seria competir-lhe o dever de rejeitar aqueles que, muito bem dotados, embora, não têm espírito para a missão, cerne da carreira, que não há-de ser traída por ela.

E se esta necessidade me parece absoluta, intemporal, torna-a grave e urgente a condição do nosso tempo, em que o económico polui tão facilmente os pensamentos.

Pois aqui vai o concreto da vida que deu aso a este discurrer:

Ele é nosso há 5 anos. Veio porque era dos nossos — o que ajuzámos pelo memorial seguinte:

«F., filho de ... e de..., natural de ..., nasceu em ..., tendo a mãe falecido quando ele tinha apenas 3 anos de idade.

O pai passou a viver mari-

talmente com uma mulher de vida fácil com quem mais tarde se casou e de quem teve dois filhos, estando agora à espera do terceiro.

O pai é caiador, não tendo, porém, trabalho certo, porque é um alcoólico, que abusa frequentes vezes da bebida, sem força moral para educar os filhos.

F. tem sido sempre maltratado pela madrasta, que o obriga a trabalhar, a cuidar dos irmãos, impedindo-o muitas vezes de comparecer na escola e fazendo com que ele fuja de casa e das suas obrigações. Acontece muitas vezes levar o dia inteiro fora de casa e só regressar no dia seguinte de madrugada sem que o pai e a madrasta lhe infundam o mínimo respeito. Leva assim uma vida de vadio, alardeando que não tem medo de ninguém, nem da própria polícia.

Com oito anos apenas, pode dizer-se que não respeita nem obedecê a ninguém, fazendo só o que quer. Será um caso perdido se não houver quem o guie e o leve para um bom caminho.»

Confirmámos informações: era tal qual. Allás, é história muito repetida!..

Passaram 5 anos. O garotito de então, que o pai declarou entregar à Casa do Gaiato, não interferindo na sua edu-

Continua na QUARTA página



O Manuel não tinha casa para viver. Melhor, tinha um barraco onde vivia com a mulher e com os filhos. Barracas... cubatas... formam cidades ao redor da cidade. Este contraste fere sensibilidades embotadas. Noutras regiões ouvimos falar das cinturas «vermelhas» à volta das grandes cidades. Aqui não são «vermelhas» para já, são doutra cor, no geral. Mas se não encarmos o problema de frente, com coragem, com humanidade, com respeito pela dignidade da pessoa, com o andar dos tempos, não tardarão a ser «vermelhas» também. O comunismo encontra aqui terreno admiravelmente preparado.

Diz-se, por vezes, que os nativos gostam de viver assim. E chegamo-nos a convencer, para justificar o nosso marasmo. E cruzamos os braços. Posição cómoda, mas injusta.

Quando assim é, aceitamos a vitória da miséria. E ela tem que ser vencida. Os mais fortes hão-de dar a mão aos mais fracos, sem desânimo.

Uma grande batalha a travar

é a da habitação decente, humana. Não nos podemos quedar perante a miséria que domina grande parte das populações que nos rodeiam. Estado, empresas particulares, associações e indivíduos têm obrigação de se darem as mãos neste campo. Sem uma casa decente não é possível vida familiar. Sem esta a sociedade fica doente.

O Manuel também não tinha casa. Casou-se. Ficou na barraca com a mulher até à vinda do primeiro filho. Mas não tinha o mínimo de condições: nem ar, nem sol, nem luz. Nada. A doença bate-lhe à porta. O filho cedo caminha para o hospital. Não aguenta mais. Desde sempre alimentou o desejo de ter uma casa com divisões suficientes para o casal, para os filhos e para as filhas. Uma casa com ar, com luz. Com um pequenino

Continua na TERCEIRA página

Visado pela
Comissão de Censura



O Luís veio há dias de Lisboa. Tem seis anos. Toda a sua constituição franzina mostra o que foi a sua infância. Muito branquinho. Olhos negros, ramalhudos, como se dizia na minha aldeia, mas sem brilho. É filho da prostituição!... A mulher que o gerou é de Setúbal.

O Luís não quer carinho. Repele-o. É necessário fazer esforço. Agarrá-lo. Encostar a nossa cara à sua, com uma certa violência, para que consinta um beijo nosso.

Ontem estive a dizer-lhe que gostava muito dele e procurava dar-lhe todo o afecto possível. Que ele era muito bonito; um menino muito lindo... etc... Só me respondia: — nada... nada...

Faz-me queixa de todos. Repele toda a gente! Todos os dias arranja um monte de coisas velhas — papéis, tábuas, paus, brinquedos e todo o lixo que encontra. Agora descobriu um saco e a sua preocupação é encher o saco.

Vê-se que a criança sofre de uma fome imensa de tudo!... A sua vida e o seu ser são um vazio infinito!...

Eu gostaria de pôr à vista e aos sentidos de todos os homens a vida interior de uma criança destas, e, com o borrão negro da vida que lhe estragou toda a infância, mostrar ao mundo as consequências nefastas de uma onda sensual desenfreada que nos assola.

O Luís tem-me bailado na sensibilidade, na imaginação, na Fé e na Esperança!

Quando na rua encontro pares em manifestações de intimidade que só no segredo dos casais são salutares, lembro-me do Luís.

Quando nas montras e cartazes vejo a nudez feminina a atrair a atenção de toda a gente e a despertar curiosidades, sinto o Luís perto de mim.

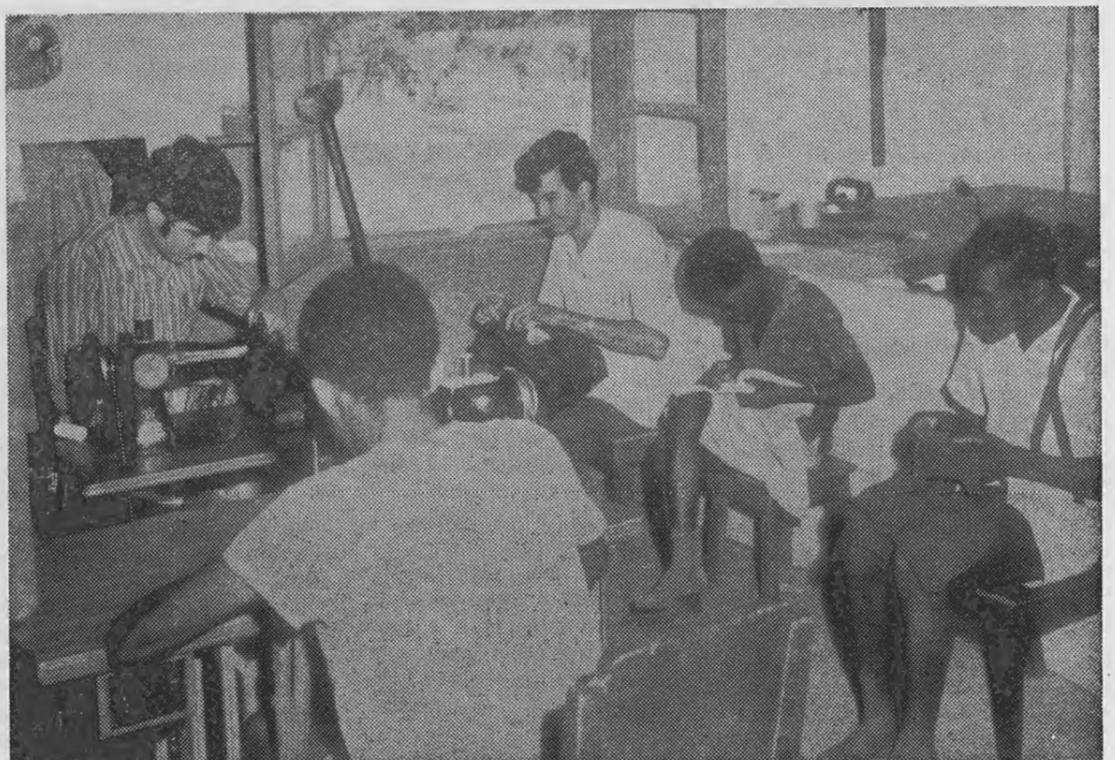
Quando, a caminho de Lisboa, encontro junto do depósito de carros e motociclos parados e uma feira de gente a caminhar louca para o pinhal, atolando-se na degradação da sensualidade, salta-me ao coração o Luís.

Quando observo que a autoridade passa e faz vista grossa, o Luís chora dentro de mim.

Quando sinto os homens de Fé e de Esperança a fecharem-se numa religião de instalados e a educarem os seus filhos para uma vida fácil e cómoda sem perspectivas de heroicidade, o Luís geme debaixo da sua injusta situação.

Quando eu próprio me sinto tocado pelos mesmos males que noto nos outros, o Luís desperta-me e aponta-me o caminho!

Padre Acllio



BENGUELA — Alfaiataria. E Américo a presidir.

Nasceu uma nova indústria em Paço de Sousa. Estamos no tempo delas. Tudo clama que é necessário e urgente industrializar. Cícero, na esteira dos que assim pensam e dizem — e muito bem! — resolveu de sua cabeça criar uma estamperia de tecidos na nossa Tipografia. Nas horas vagas (Se é que foi em tais horas...?!), aproveitando as várias cores em serviço nas várias máquinas impressoras, impôs gravuras com motivos gaiatos, vinhetas ou fotografias já saídas no Famoso — e toca de as estampar «ad hoc» numa camisa branca. E o resultado foi tão animador que amigo Cícero logo conquistou sequazes. Pelo menos assim me consta já do Zé Manel Caramelo.

Ora a ideia não está má, se na verdade estes trabalhos são nas horas vagas! É que nós temos p'raí muitas camisas brancas, o que é monotonia. Com esta invenção, podemos aumentar a variedade e renovar beleza.

Até houve quem sugerisse a mesma operação em retalhos dos quais se fariam lenços de pescoço, ou, simplesmente, qualquer espécie de galhardetes, que, decerto, interessariam aos turistas que por aí aparecem.

Agu Lisboa

As tais «amêndoas» de que falámos por altura da Páscoa estiveram longe de fazer a boca doce à maior parte dos nossos leitores. Alguns, porém, quiseram tomar à sua conta o lugar dos ausentes, pelo que, se não se pode considerar um êxito a iniciativa, não deixou todavia, de ser relativamente frutuosa nos seus resultados. O que mais nos encheu, todavia, foi, sem dúvida, o teor de algumas missivas recebidas. À laia de exemplificação, eis o extracto seguinte, tirado duma carta de «uma freira qualquer»: «Como sou uma freira, tenho voto de pobreza. Mas como governo um Hospital, resolvi na Quaresma (às sextas-feiras) não comer fruta. Assim penso que, não falto à justiça, dando-vos os 20\$ que pedis para as amêndoas». Comentários não nos atrevemos a fazer. Quem ler estas linhas que tire as ilações.

* * *

Uma das coisas que mais desvanece no contacto com os nossos Amigos é precisamente o espírito sóbrio e humilde de que fazem revestir as suas ofertas ou ajudas. Se alguém cafu algum dia na tentação de querer «brilhar» aos olhos do Mundo servindo-se da Obra do

Vistas de dentro

Temos, pois, lançada uma nova indústria.

Cuidado, senhores industriais de estamperia, com a concorrência!

x x x

Sábados, após o terço, abre a Cooperativa dos Rapazes, onde se vendem materiais diversos de higiene e artigos de vestuário.

Mal acaba o jantar, P.e Abraão ou eu somos assaltados por um magote, por mor de avalisarmos suas requisições de pasta de dentes, de sabão prá barba, de um par de meias..., etc.

Devo aqui declarar que estas requisições não primam pela dignidade. Servem os papéis mais inconcebíveis, rasgados de qualquer sorte, sarpintados como calhou, escrevinhados em cima do ombro do parceiro — e é aí que nós

temos de apor nossa respeitável assinatura.

Neste contexto, ninguém se espantará da minha admiração perante uma requisição apresentada pelo «Faisca», em papel pautado muito bem aparadinho e ilustrado com gravuras daquilo que requisitava: um sabonete, uma pasta de dentes, um pacote de lâminas, uns botões de punho.

À guisa de assinatura, um delicado: «Agradece, FAISCA», seguido dum zig-zag expressivo do raio.

Por acaso não vinha nenhum Rato Mickey nem nenhum Pato Donald — especialidades desenhísticas do nosso homem. Mas, certamente não faltarão, quando tivermos organizada a nossa biblioteca e fôr preciso requisição para levantar suas revistas predilectas — estas mesmas de histórias aos quadrinhos, muito pouco condicentes com as lâminas de barbear que há muito o nosso amigo já usa.

x x x

Pois também estas são vistas de dentro, embora venham de fora. É que elas vêm enriquecer o nosso tesouro!

Como compreendo e aprecio, cada dia mais, a herança que Pai Américo nos deixou: «A nossa riqueza é a nossa Pobreza»!

Qual pobres?! Quem, com olhos de ver, assim nos pode considerar, se, por força da Pobreza, se enriquece constantemente o nosso património espiritual com a partilha de bens preciosos como este pe-

dacinho de uma alma enamorada dos Pobres?!

«Minha neta tem nove anos e já é uma grande Vicentina. No dia dos seus anos a prenda que pediu aos Pais foi camas para a Graça e a irmã. Diz que vai para freira, mas eu quero incutir-lhe a Casa do Gaiato e logo que saiba a morada deles em X., irá o Famoso para eles lerem e darem a ler.

Desde que tive a trombose apenas sirvo para sofrer, mas isso é tão mal aceite! Não tenho forças para trabalhar e o trabalho fazia parte da minha pessoa. Ofereci-me a N. Senhor para sofrer e que Ele desse saúde aos meus. Vejo os meus com saúde, principalmente o meu marido, que, com 73 anos, trabalha como um rapaz — e eu pago a Deus com tão pouca coragem!»

«... O trabalho fazia parte da minha pessoa» — nós sabemos-lo. Já avó, com os cuidados da sua casa quase totalmente sobre si, arranjou uma lambretta para mais e melhor servir os Pobres. Como não havia de surgir a trombose!... Como lhe não há-de pesar a trombose!... E que eficácia não terá a sua inactividade, assim posta a render em favor dos Pobres!

x x x

Já que estamos em maré de avós e de quem nos ama, não só com o coração, mas também com a inteligência, aqui vai outro depoimento:

«Tendo seguido para uma viagem de 4 semanas, que foi linda e correu bem, levei comigo o «Isto é a Casa do Gaiato». Todos os dias visitava museus e sítios célebres, e à noite lia os guias e livros de cultura necessários; quando me cansava destes, refrescava com a literatura de Padre Américo — que parece um regato alegre a correr nos campos. Succedeu, sem procurá-lo, que, tendo começado no primeiro dia, acabei no último.

Voltei aqui, a encontrar este clima do qual se diz que é bom — mas não é — e dois números do jornal.

Na sua missa, diga ao Senhor como eu estou grata pelas alegrias que me manda, e que me preparo a suportar as tristezas.

Sempre muito amiga de todas as obras do Gaiato e solidária com todos os seus Padres.»

Qual pobres?! — torno a perguntar.

x x x

Durante o tempo lectivo, todos os dias no fim da missa, na hora de acção de graças, eles entram pela sacristia, genuflectem, dão-me um beijo, silenciosamente — e seguem a fazer sua pequenina oração. Depois..., a Escola.

Eram dois. Agora são três. Três beijos inocentes, purificação matinal que eu não mereço, mas de que Deus Se serve para me abençoar.

O que Ele ensina às Mães!...

Por

Padre Horácio



Conhecemo-nos há muitos anos na capela dumas termas. Frei Francisco Rendeiro estava em tratamento e era capelão naquela quinzena. Eu fui falar e pedir nas missas.

Passados anos encontrámo-nos no Algarve, na entrega dum grupo de casas do Património dos Pobres. Frei Francisco Rendeiro era Bispo do Algarve. Que coisas lindas lhe ouvi dizer de Pai Américo (falecido havia pouco) e do amor que devemos aos Irmãos Pobres!

Muitos anos depois, no dia da sua entrada como bispo na diocese de Coimbra, no meio da multidão que o aguardava, abriu os braços e exclamou — «viva o padre Horácio e seus gaiatos!»

Passado um mês, numa tarde de domingo, D. Francisco aparece em nossa Casa e passou toda a tarde connosco. Conversou com todos, interessou-se

por tudo. Disse uma palavra pastoral aos mais velhos. A hora da merenda comeu da nossa borra com azeitonas e umas lascas de presunto do nosso fumeiro e bebeu da nossa pequenina adega. Tudo em ambiente familiar e muito simpes.

Dois anos depois, no momento decisivo da construção do nosso Lar de Coimbra, confirma a promessa da doação do terreno que nos havia feito Snr. D. Ernesto e anima-nos a pôr mãos à obra. Na hora solene da benção da nova casa, D. Francisco preside à concelebração e na homilia explana a paternidade de Deus continuada na paternidade dos homens a que todos têm direito e de que os «padres da rua» são um testemunho social, pois estão contituídos pais dos mais abandonados.

Em Outubro passado, na altura em que me encontrava

em África, D. Francisco escreveu-me: — «Que a sua visita faça bem a todos os que encontrar no caminho. Se encontrar alguns Padres de Coimbra, pode dizer-lhes que o seu bispo os lembra sempre com saudade. Espero que eles compreendam o que vai neste recado».

E já este ano, do seu leito de dor, escreveu-me o seu último recado a confirmar o grande amor que nos tinha.

Acompanhámos a sua lenta e dolorosa agonia e velámos com amor, oração e gratidão, o seu cadáver.

Não foi surpresa para nós a expressão das suas últimas vontades. Um Homem que viveu para amar e servir tinha que deixar até ao fim o seu rasto de luz. Luz iluminada pelo seu espírito de Fé e Pobreza. Não ter nada para possuir todos.

Valeu a pena viver e valeu a pena morrer.

P. S. — Pedem-nos o endereço da Casa do Gaiato de Lisboa. Ele aqui vai: Santo Antão do Tojal — Loures.

Padre Luís



PELAS CASAS DO GAIATO

CALVÁRIO

Veio pela mão de sua irmã mais velha.

O João precisava de quem o amparasse pois é totalmente incapaz de se guiar por si próprio apesar de ter perto de 25 anos. Está conosco há cerca de 5 anos. Temo-lo visto sempre contente da vida... Portanto, deve sentir-se naquilo que a sua irmã lhe desejava proporcionar.

Sofre de doença considerada, pelos médicos, impossível de ser debelada, mesmo na tenra idade; o que lhe causa males bem notórios — falta de força, espinha deformada, igualmente a fala, para não falar de um certo grau de «meninice». Isto é: incapaz de agir por vontade própria... Nós, embora tendo pouco, consideramo-nos com grande obrigação de agradecer ao Pai Eterno o que temos e somos! Quem nos conhece sabe aonde queremos chegar... Os que não... aprendam e procurem conhecer para depois nos amar!

Não fuja ao nosso homem, à história, que lhes queremos contar. Embora num plano resumido... porque se quiséssemos divagar em considerandos, sem fugir às realidades autênticas que o João nos sugere, trazendo à nossa lembrança outros casos que têm sido verificados com tanta frequência, teríamos, como soe dizer-se, «pano para mangas»!

Embora alguns dos seus irmãos na doença o cheguem a «afinar» devido aos seus modos um tanto cómicos, ele não deixa de ser pres-

tável na medida das suas faculdades. Bastará este pequeno episódio para ilustrar, o que atrás ficou escrito: No pavilhão dos parálticos é necessário recorrer aos mais válidos para meterem o comer na boca aos totalmente incapazes (E no Calvário são tantos que estão assim nestas condições!). Já vêm os Amigos que só para isto é necessário pessoal, já sem falar para outras coisas... — Pois o João também entra no grupo: «dar de comer a quem tem fome...» e não o pode fazer por suas mãos. Leva tão a sério a sua tarefa que se zanga à sua maneira, se há quem lhe queira tirar o prazer, que sente em fazer isso! Só por vermos a sua boa vontade não nos arrependemos de deixar incompleta a sua biografia! Apenas isto: Valores débeis dão lições aos capazes de fazerem muito..., mas que deixam correr!

Quem pensa que amar é fácil, ilude-se.

Quantos dramas existem em famílias por se pensar assim?! Quanto mais amar quem nunca amou ou foi amado! A grande parte daqueles que para aqui têm vindo é apenas por não serem amados. E aqui poderão ser amados? Decerto. Embora não sejam tão bem como se fosse naquela família que por direito deveriam ter. Muitos factores existem. Mas o maior e aquele que impede a manifestação do amor autêntico: a doença atroz e incurável. Tantos destes e muito mais por esse mundo além são, aos olhos daquela sociedade que fala em fraternidade para serem pessoas de bem (...).

Mal andaria, ainda mais!, aquela conta infundável de irmãos nossos sem cura se a palavra amar se limitasse só à pronúncia!

Pai Américo idealizou um cantinho que em certa medida se aproximasse tanto quanto humanamente fosse possível, daquela família que procura sê-lo. Guiada pelo caminho de José, Maria e Jesus. Tem-no conseguido? Não nos compete a nós dar uma resposta afirmativa. Nem aos homens!

Quanto mais nos dermos aos outros... perderemos tudo? — Quem pensa assim, não conhece as palavras d'Aquele que tudo dá!...

E mesmo aquelas pessoas que acreditam na promessa dos 100 por 1 têm de ser desprendidas totalmente de «amarras» interiores e exteriores para serem Pais ou Mães, para amarem rapazes, doentes e todos aqueles inumeráveis sofredores que tantas vezes passam despercebidos mesmo vivendo perto de cada um de nós. Tantos!

Muito se diz... ou nada sobre a maneira de proceder daqueles que se têm dado ao serviço da Obra, nomeadamente no Calvário.

De boas intenções andamos todos... Seremos capazes de amar e sermos amados é que não conseguimos encher!... Sim, chamo encher àquele vazio que sentimos em nós porque por mais que nos esforcemos, nunca conseguiremos estar satisfeitos conosco próprios. Será pessimismo?...

Por vezes, custa ver ao nosso redor, os casos mais necessitados antes de virem para o Calvário. E ao serem admitidos, passados os primeiros contactos, demonstram quase sem darem por isso, que a maior mazela não é a doença ou atrofamento físico que possuem. É antes a maneira como viviam e a forma como encaram a integração neste meio, que procura ser uma Família. Já Pai Américo se lamentava com os rapazes e pessoas interessadas nas piores alturas, iludindo-se e iludindo-os com fantasias. Mas... entendo que devo terminar, por hoje.

Quem tentar conhecer um pouco, saberá que não vivemos no meio de «coitadinhos...», mas entre gente saída de muitos meios!...

Manuel Simões

Notícias da Conferência de PAÇO de SOUSA

Como já há uns tempos não damos nota dos vossos donativos, aí vão — para que saibam que foram entregues. Não são muitos, é certo. Todavia, alguns, são renúncias com um valor incomensurável; como a da nossa amiga Leonor — que tira da sua boca para alimentar quem passa tão mal como ela! Temos, depois, mais 50\$00 com um pedido de desculpa pela «descrita, velha i duente i uma segunda quase de à mais de cincuenta ánus, acho que já é muito bom...» O suficiente para nos entendermos; mau grado as observações dos senhores filólogos... Mais 50\$00 de Ovar, «para a Conferência de Paço de Sousa do nosso jovem...». Naturalmente, a gente fica todo habadinho, Sr. Almeida — pela largueza e delicadeza da sua amizade! Mais 200\$00 do Largo do Priorado — Porto. E mais uma nota de 50\$00, de Sasseoiras. Os habituais 40\$00 da assinante 17022. Mais outra nota de 50\$00 de D. Cecília, de algures. Mais 70\$00 de Chão Verde — Rio Tinto. E, finalmente, 100\$00 da Rua Quirino da Fonseca — Lisboa.

Quem nos dera uma bolada! Agora, só numa reparação de casas do Património dos Pobres, **sangramos** mais de dois contos. E, praticamente, **estamos nas lonas!**... Todos os vossos donativos devem ser enviados à **Conferência de Paço de Sousa**, para evitar confusões.

Júlio Mendes

TOJAL

Campo — As batatas semeadas semanas atrás, estão dando sinais de grande rendimento. Esperamos que assim seja porque deste modo tê-las-emos para todo o ano. Também se verifica o mesmo nas macieiras, laranjeiras, ameixoeiras, etc. No ano passado tivemos pouca

sorte com certos frutos quando por volta dos meses de Junho e Julho se deu um grande vendaval que nos derrubou a maior parte e ainda se encontravam um pouco verdes.

Futebol — Depois das festas, realizámos mais 3 jogos. Nos 2 primeiros saímos vencedores e no último empatamos por causa talvez de nos faltarem 3 jogadores que não se encontravam presentes; enfim, temos que compreender que nem sempre podemos ganhar.

Volto a lembrar que se algum grupo quiser defrontar-nos não há a temer; é só avisar-nos e aparecer porque sempre passaremos uns bocados alegres.

Xavier

UM RECADO AOS ASSINANTES DO JORNAL

Recebemos, no correio d'hoje, a seguinte carta de Angra do Heroísmo:

«Caros Rapazes Para a minha assinatura do vosso jornal «O Gaiato» incluo Esc. 40\$00.

Desejo-vos felicidades. A vossa amiga»

... que não se identificou! Talvez por lapso; talvez com boa intenção.

Fôsse a única leitora de Angra — estava o problema resolvido. Mas não. Por isso, encaramos uma opção dolorosa: omitir a entrega na contabilidade do «Famoso» ou incomodar os assinantes da zona — para descobrir o seu nome...!

Entre a massa de leitores de «O Gaiato», surgem casos que são verdadeiros quebra-cabeças. Uns, mais ou menos fáceis; outros, difíceis. Até para a **cibernética** — se fôsse aplicada ao expediente do «Revolucionário»...

Em conclusão: só para uso interno, e em assuntos que se prendam com a assinatura, os prezados leitores evitem o anonimato; e respeitem, escrupulosamente, os seus apelidos — que servem de endereço ao jornal. Assim como evitamos — e evitaremos sempre, em nossas colunas — publicidade onomástica. Aliás, é mentalidade já muito arreigada no espírito da maioria. E um dos maiores títulos de glória do «Famoso»!

Júlio Mendes

MALANJE

Aquela santa de longe com uma nota de 20\$ na cartinha do costume. Do Banco de Angola, chega-nos, todos os meses um talão de 50\$00 que um amigo lá põe. «Olhe, vou à Metrópole passar férias e quero dar-lhe uma ajuda» e põs-me 200\$ na mão. Um casal nosso amigo de Malanje, à porta da capela, pôs nas minhas mãos, discretamente, um envelope — tinha dez contos. Agradei ao Senhor pois estavam atrasadas as contas do pão. E ele é todos os dias — como quem se deita e levanta; o carro vem e despejam numa grande arca. Antes das refeições lá está o refetoreiro a tirar o dito. No fim do mês são quatro mil. Outro casal com dois rebentos que são uns amores — outro envelope com cinco mil. Um amigo, que nas festas vem sempre, com 1.500\$. Outro casal pela mão de seu filho, mil. Na rua um 100\$00, outro, 50\$. Sr. Doutor, muito amigo, 1.000\$00.

Vieram também roupas e calçado — que grande jeito nos fazem. Senhora amiga de Malanje, muito pano de lençol. Lençóis brancos dizem carinho. Uma senhora da aldeia de Vila

Chã de Trás-os-Montes, deu-nos um rolo de linho! A cheirar a urzes, a fragas, a neve... para o Senhor se consolar no Seu altar. A Fábrica de borracha Cipal mandou-nos sapatos e sapatilhas escolhidos com gosto; a ternura do gesto, muitas vezes, supera o dom. Da Casa dos Rapazes de Luanda, sapatilhas e azeitonas — que lindo o repartir as sobras com os irmãos! Uma senhora, uma promessa de cem. Duma fábrica de borracha vieram dois sacos de chinelos do pé esquerdo e para meninas... Tenho a dizer-lhes que os nossos rapazes têm dois pés e são masculinos.

A Base Aérea do Negage deu-nos uma vitela de raça. O Congo-Agrícola, uma vaca. A propósito, vamos dar realização aos parques de gado — graças ao novo empréstimo pela Sonefe do seu tractor. Mais o carinho das senhoras que nos costuram a roupa. E mais um senhor professor da Escola Técnica que já veio, muitas vezes, com 500\$.

Como sempre a render os vossos dons... vinde ver a nossa e vossa Aldeia.

Padre Telmo

Areias do Cavaco

Cont. da PRIMEIRA página

quintal, onde pudesse ter umas galinhas, uns porquitos que seriam o seu capital numa hora de aflição. Há muito que sonhava assim. E falou-me deste sonho. Fi-lo meu também.

O Manuel trabalha. Tem o seu salário. É um homem válido. O salário dá para o seu sustento; mas não pode ameaçar para construir a sua casa. Sôzinho não é capaz. Vamos dar-lhe a mão. Não a mão que humilha, mas a que estimula.

Ele vai fazer tudo o que puder. Nós faremos o resto.

Estive lá no sábado passado. Os alicerces estão cheios. Ao lado duas camionetas de tijolos que mandámos pôr. Ele levanta as paredes com outros amigos nas horas vagas. Em vez de ir para a taberna aos sábados de tarde e domingos de manhã, vai levantar as paredes da sua casa. Primeiro benefício: retira-os da taberna. Prende-os ao seu lar. Depois vem a cobertura. Estaremos com ele nessa hora. Ao lado outras se levantam.

Mas fiquei triste porque são barracos. «Não podemos comprar o tijolo a junto» — dizem. Que rico campo de acção para as empresas da nossa cidade! Ajudar os seus empregados de mais baixa condição social a construir a sua casa é um capital que renderá 100%.

Padre Manuel



«ISTO É A CASA DO GAIATO»

Hoje foi um dia cheio! Seguiram mais de 25 exemplares de «Isto é a Casa do Gaiato» (e outras obras) para todos os quadrantes. «Quim do Porto» ocupou-se das embalagens. Com a sua fleuma característica. Substituindo o Domingos, que passa agora a manhã entregue ao estudo — para tirar o segundo ciclo liceal.

Estas remessas diárias, mais ou menos volumosas, são motivo de alegria para nós outros e são também a prova de como muitos só agora despertam para a aquisição das obras de Pai Américo, impressas pela nossa Editorial! Ora bem; aproxima-se o tempo de férias. Ocasião propícia para a leitura... Esperamos as vossas ordens.

● A VOZ DO LEITOR

Passamos já a palavra aos nossos leitores. É mais incisiva. Aqui está:

«Recebi o vosso livro «Isto é a Casa do Gaiato». Será

desnecessário dizer-lhes que confirmei a minha opinião com alguns dos leitores do vosso jornal, o último que saíu, que são unânimes em afirmar que o livro é maravilhoso, principalmente no aspecto humano. Gostaria de poder traduzir em palavras tudo o que eu sinto, mas não o consigo. Um muito obrigada do coração.»

De Setúbal um salto a Beateiros — muito ao pé da nossa porta. Ouçam:

«Envio um vale do correio de 100\$ em troca de dois livros preciosos que pedi e me foram enviados. Seria meu desejo enviar maior quantia, mas presentemente não me é possível, esperando poder fazê-lo

mais tarde. São eles os livros «O Pão dos Pobres» — 2.º volume e «Isto é a Casa do Gaiato» — 1.º volume.

Conheci algumas páginas do primeiro exemplar nos meus tempos do colégio, graças a uma boa professora que tínhamos e que de vez em quando nos deliciava e premiava com alguns minutos de preciosa leitura. O livro não chegava para as encomendas, mas eu sempre tive fé que um dia o havia de possuir e então chegou agora esse ditoso momento! Poderei lê-lo à minha vontade, sem pressas, para saborear e meditar neste belo exemplo de amor e desprendimento baseado numa confiança ilimitada no Amor de Deus ao Próximo. Esta lei-

tura é diferente, reconforta, anima e encoraja as almas para a prática da caridade.»

Voltemos ao sul; mais concretamente, à capital. O leitor seguinte completa a opinião antecedente — com achegas oportunas:

«Foi já há tempo que recebi o «Isto é a Casa do Gaiato».

Do atraso em acusar o seu recebimento, me penitencio.

Falar do seu conteúdo — é difícil... é aquilo... é a Casa do Gaiato.

É evidente que quem, como este assinante que escreve, lê «O Gaiato» há perto de vinte anos (o n.º 276, de 25.9.54, é o primeiro da colecção, muito embora não começasse logo a fazê-la), os episódios contados naquela obra são-lhe familiares, mas, «revistos» assim têm, ou parecem ter, outro sabor. Ou seriam os meus vinte e tal anos de então, quando comecei a ler aquela rubrica, que não permitiam que os saboreasse da mesma forma? Seja como for, o que não há dúvida é de que essa rubrica era uma das que eu também já apreciava bastante, mesmo nesse tempo.

Pagar o livro? Com que preço? Reconheço que obras deste género não têm preço.

Os cinquenta escudos que junto à presente não têm qualquer finalidade de paga. Envio-os apenas porque acho que é justo que a envle. E que Deus me perdoe o meu egoísmo...»

Agora, tem a palavra Vila Nova de Ourém:

«...Pude finalmente satisfazer um desejo de há tanto tempo — adquirir a colecção da vossa Editorial. Pois embora

assinante e leitora fervorosa de «O Gaiato», há muitos anos, não possuía nenhum dos vossos livros.

Dou graças a Deus por ter já adquirido o 1.º volume do «Isto é a Casa do Gaiato». E peço ao Senhor me ajude a adquirir também os outros já publicados e os futuros.

O dinheiro que vai junto, não é para pagamento do livro; é apenas uma pequenina ajuda para o papel em que foi impresso.

A sua leitura, tal como a do «Famoso», são um manjar que nos delicia, mas não nos sacia, antes nos abre o apetite para mais e mais. Daí, o eu ser assinante do jornal e ter o grande desejo de possuir todas as obras da vossa Editorial, pois não estou ainda saciada...»

E Mangualde diz o mesmo — por outras palavras!:

«Recebi em devido tempo o «Isto é a Casa do Gaiato». Não o li; devorei-o! E quando acabei queria ler mais. Não tinha. Fiquei triste.

Quando puderem, mandem o segundo volume. Só agora dou notícias, e se não o fiz mais cedo foi por motivos de saúde. Envio só 50\$ para esta maravilhosa obra. Infelizmente não posso enviar mais...»

Finalmente, é Sarnadas do Ródão:

«Venho agradecer o precioso livro... cuja leitura tanto me tem enternecido.

...É justo que, ao menos, as despesas feitas com tão valiosa publicação fiquem a cargo dos beneficiários dela, assim como os encargos das sementeiras devem ser suportados por aqueles que colhem os frutos.

É para esse fim que envio um vale postal de 70\$, só lamentando que seja tão pouco.»

Que pena não podermos dar à estampa a voz de todos. E são tantos!

Júlio Mendes

Carta duma Trabalhadora Social

«Sou uma assinante e assídua leitora de «O Gaiato» (por onde muitas vezes faço a minha meditação) e dedicada apreciadora da Obra, que a todos nós legou Pai Américo, vivendo intensamente o problema da criança entregue a si própria, do filho da rua, de quem a sociedade se esquece agora, para mais tarde vir a exigir-lhe muito!...

Através da minha profissão, vejo-me a braços com angustiosos problemas de adolescência, trabalhando afincadamente para solucioná-los, mas infelizmente o armamento social que existe no nosso país é tão deficiente que raramente conseguimos o desejado. Trabalho em ..., meio predominantemente fabril, sendo pois a minha actividade exercida no meio operário, meio que contribui, mais que qualquer outro, para o desagregamento da família, dada a longa permanência da mãe fora do lar. O ambiente da própria Vila é propício ao desregramento moral, pois nunca vi localidade onde existam tantas famílias ilegalmente constituídas e sem possibilidades de se poderem legalizar. Todas estas situações que dia a dia passam ante mim impressionam-me e entristecem-me sobremaneira, pois verifico que muitas vezes o ambiente, a própria sociedade, contribui para a realidade que se nos apresenta; e remamos contra a maré de egoísmo, do fechar os olhos aos problemas alheios e nada fazer para ajudar...

Mas eu não vim escrever a V. para lamentações, mas sim para procurar resolver um caso que bastante me preocupa — um rapaz que precisa de amparo, disciplina, amor. É o caso:

Família cujo chefe é um doente mental, que não quer ser tratado, trabalha como servente eventual da Câmara Municipal, quando está disposto a isso; sofrendo depois os familiares todas as consequências do seu «desnorreamento». A mãe — operária — mulher fraca de espírito, sem energia, nem capacidade para educar os filhos. Oito filhos, (quatro dos quais se encontram a cargo de outras pessoas que tomaram conta deles logo pequeninos). Dos quatro que se encontram no lar, o mais velho, F., de 10 anos, dada a pouca disciplina a que é sujeito, tem vivido entregue a si próprio, vida que todos conhecemos, faltando à escola (pois ainda frequenta a 1.ª classe) saindo da Vila onde reside para a cidade, onde se entrega à mendicância, gastando depois o dinheiro em coisas que nenhum proveito têm. Tentámos o seu internamento através do Instituto de Assistência a Menores, pois embora sejamos de opinião que na família se devem educar os filhos, reconhecemos que esta não tem condições para ajudar uma recuperação. Depois de muitos meses de espera foi enviado ao Dispensário de Higiene Mental para observações. Passaram-se mais meses e nada disseram. Agora indagamos sobre o caso e foi-nos esclarecido «que não era possível o seu internamento pelo facto de não terem instituição adequada ao seu caso». Isto quer dizer que atribuíram à criança um coeficiente mental baixo e é dada como anormal. Mas isso não é verdade; a criança é apenas o resultado dum ambiente de miséria e sobressal-

to e é isto que revolta. A professora que lecciona este ano diz que a criança é normalíssima, e até dócil, aprende sem grande dificuldade, pois transitou de outra escola em Janeiro sem saber ligar duas letras e agora já lê relativamente bem. O que se passou foi que nos outros anos o professor pouca importância lhe dava, dadas as tropelias que fazia e não lhe despertava o interesse; agora a professora fez por compreendê-lo, por amá-lo e os resultados estão patentes.

Nós também sabemos que nestas observações clínicas, os testes estão feitos para crianças de famílias evoluídas e de ambientes normais, e deste modo as perguntas são à base de certos conhecimentos que, infelizmente, as nossas crianças do meio operário desconhecem; e os médicos não se preocupam em descobrir o motivo por que a criança não responde com a espontaneidade devida ou com a firmeza precisa. E como custa menos pôr um coeficiente mental baixo, do que estar a averiguar as suas causas, tudo corre de harmonia com a ligeireza habitual!...

Ora eu depois de toda esta explicação, para que V. possa fazer uma ideia clara do caso, vinha perguntar-lhe se não seria possível que o nosso F. fizesse parte dos vossos filhos em qualquer «Casa do Gaiato». Tenho muita preocupação que ele se perca e vejo-o muito mal encaminhado. Ele é uma criança pouco desenvolvida; o seu físico iguala-o a qualquer rapaz de oito anos, pois a alimentação é fraca e sem aquela escolha necessária ao seu desenvolvimento.

Como a professora o está preparando para passar de classe este ano, seria bom, no caso de poder ser admitido, que isso se fizesse só depois da passagem para não prejudicar o ano lectivo.»

Ora eis!

DOCTRINA

Cont. da PRIMEIRA página

cação até à maioridade», cresceu e assumiu valor económico.

Há meses, conhecemos o pai, que aí veio e tentou levar o pequeno. Confirmámos de visu a «sem força moral para educar os filhos...» nem para se ter a si próprio. Regressado sem êxito, parece ter sido a mulher que tomou a ofensiva. Tudo naquela casa são entranhas feridas pela saudade e pela separação de F.: «...gosto de todos (os filhos) mas de ti, filho, gosto mais porque tu não tens mãe...!» E por aí fora!...

Torno a confirmar as razões desta paixão assolapada — e sei: «A situação da família não se modificou e não ser no aumento do número de filhos, pois que a madrastra já teve quatro, cujas idades oscilam entre os 8 anos e os 4 meses. E é precisamente por isso que ela quer que o miúdo venha para cá. Pensa que ele os pode ajudar com o seu ganho trabalhando fora de casa e ainda fazendo trabalhos casei-

ros e tomando conta dos irmãos».

Pois toda esta história, de tão vulgar, infelizmente, nem merecia coluna no jornal, se não fosse o aparecimento no caso de assistente social: primeiro, uma declarando se ter verificado que a situação do pai tinha melhorado; segundo, em carta do pai muito bem escrita (ele é analfabeto), é indicada outra assistente que pode confirmar que «a minha condição económica me permite tê-lo na minha companhia». E termina «pedindo a Deus toque no coração de V. para que o pedido deste pai toque no coração de V. Ex.» (...) e, se assim for, considerarei milagre de Deus».

Pois creio que terá pouca sorte com o milagreiro! E o que eu peço a Deus é que as senhoras assistentes sociais não se fiquem nos inquéritos sobre condições económicas, mas que subam um bocadinho mais alto, ao menos quando se tratar de uma criança, de que nos encarregámos de fazer um homem!



TRANSPORTADO NOS AVIÕES DA T. A. P. PARA ANGOLA E MOÇAMBIQUE